

Desafios

Edevard José de Araújo

Professor do Departamento de Cirurgia, Centro de Ciências da Saúde, UFSC

Paraninfo da 95ª turma do Curso de Graduação em Medicina

Discurso proferido na solenidade de colação de grau realizada em 15 de dezembro de 2017

“ Início agradecendo a honra de ter sido o PARANINFO desta Turma. Confesso que ser o escolhido dentre tantos professores dedicados e competentes, muito me envaideceu e emocionou. Depois de “cair a ficha”, a vaidade se foi. Sinto-me, agora, um representante do nosso qualificado corpo docente que, vendo-os formados, enche-se de júbilo e os cumprimenta.

Necessário parabeniza-los, também, pela escolha do nome de turma. Decidir por um funcionário falecido, ao invés de um professor ou autoridade relevante, foi um belíssimo ato de generosidade e reconhecimento. LUIZ HENRIQUE PRAZERES, que com orgulho o tive como colega na Disciplina de Técnica Operatória, foi o servidor com mais tempo dedicado à nossa Universidade - 56 anos a ajudar os alunos da medicina, de forma incondicional.

Cumprimento àqueles que lhe são próximos. Àqueles que, presentes ou não, vocês devem muito. E também às inúmeras pessoas que, com maior ou menor intensidade, contribuíram com essa vitória. Sejam gratos. Como disse Antístenes de Atenas: “a gratidão é a memória do coração”.

Parabenizo também, a UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Tenham uma certeza: graças à nossa Universidade, vocês estão entre os melhores médicos que se formam nesse país. Tudo isso, de forma pública e gratuita, mesmo enfrentando dificuldades - algumas conjunturais, outras inaceitáveis. A vocês doutores, um pedido: sejam fiéis à UFSC, orgulhando-se dela, sendo seus dignos representantes e elevando ainda mais o seu nome.

Há muito por falar nesse nosso último encontro. Para não fugir do meu estilo e ser conciso, pretendo deixar algumas reflexões e fazer alguns desafios que, espero, sejam lembrados:

- Merece ser reconhecido o enorme esforço de vocês para chegar aqui. Parabéns! Mas não se sintam apenas orgulhosos e realizados: sintam-se, também, afortunados. Para um enorme contingente de jovens brasileiros, sobreviver a cada dia, literalmente, é o único desejo. Cursar uma faculdade é irreal para eles, ser médico, um delírio. Infelizmente, para milhares de jovens, o sonho que vocês agora realizam, foi abortado pela falta de acesso à escola, pela falta de uma família,

pelo risco social onde reinam a violência e as drogas. Somos 212 milhões de brasileiros e apenas 8 milhões se formaram numa faculdade. Observem: vocês, agora, fazem parte de uma casta privilegiada de 3,8% de brasileiros. Não é para se sentir afortunado?

Mas esse dever de gratidão à vida, não é só nosso. Há uma dívida social que nos obriga a dar o retorno daquilo que recebemos. Não podemos, sozinhos, mudar o mundo; mas temos que nos sentir, também, responsáveis por ele. Meu primeiro desafio: devolvam à vida mais do que ela lhes deu, não fiquem devedores nem no empate técnico; sejam credores, e multipliquem os seus talentos.

- Ficaremos torcendo por vocês, pois apenas essa batalha foi vencida, não a guerra. Uma nova fase se inicia, e quando estiverem cansados, lembrem-se da frase de Lindolf Bell, nosso escritor catarinense: “menor que meus sonhos não posso ser”.

- Ser médico, não nos torna melhor que os outros. O que nos distingue é que podemos fazer a diferença, na vida de várias pessoas, todos os dias. Não temos o poder de curar tudo, não somos e não queremos ser deuses, mas podemos, e devemos, encantar, aliviar e, acima de tudo, confortar quem nos procura. Meu desafio: que cada paciente saia do seu consultório mais alegre e mais confortado do que entrou. Acreditem, é um hábito maravilhoso. Notem que não citei obrigação de resultado.

- Não se deixem levar pelo orgulho, permitindo que nos tratem como deuses; pelo contrário, exijam ser tratados como pessoas. Pessoas que tem limites; pessoas falíveis; pessoas que precisam viver com um salário justo; pessoas que necessitam trabalhar em condições dignas; que necessitam de condições mínimas para o exercício profissional; pessoas que têm família; pessoas que precisam ir para casa; pessoas que precisam amar e ser amadas.

- Não se enganem, nem poder nem dinheiro lhes garante autoridade. Autoridade, diferentemente do autoritarismo, é fruto do respeito. E o respeito é o que mais devemos ter das pessoas, seja em casa ou no trabalho. Como já afirmei no início, ser médico não nos torna melhores, não nos dá mais direitos; pelo contrário, nos obriga a dar exemplo. E uma forma de

dar exemplo, é explicar aos pacientes, seus direitos, para que eles prevaleçam. A consulta médica também tem um momento político, de cidadania. Meu desafio: ensinam às pessoas os seus direitos, sejam agentes da cidadania.

- Perguntem às crianças o que desejam fazer ao crescer e irão lhes responder, em ordem de preferência: médicos e professores – exatamente as piores carreiras públicas no Brasil (presenciei isso há uma semana na escola de meu neto). Mas, por que uma criança de 6 anos, já pensa em ser médico? É a imagem que imprimimos. Nossa participação já é emblemática desde os primórdios da vida até o seu ocaso. E é essa imagem da medicina que vocês, a partir de agora, têm a responsabilidade de manter. Somos médicos 24 horas por dia, mesmo quando não estamos atuando como tal, dando exemplo de comportamento e com as nossas atitudes. A partir de agora, quando expostos à sociedade (mesmo nas redes sociais) vocês não serão mais vistos apenas como pessoas, mas sim como médicos. Meu desafio: lembrem que serão médicos o tempo todo!

- João C. de Castro, médico, nos deixou uma frase maravilhosa e, para mim, também aterradora: “medicina é uma confiança, diante de uma consciência”.

As pessoas que nos procuram, se desnudam dos seus segredos, nos entregam as suas angústias e abrem-se em seus medos. Por isso, é inconcebível que, diante de tanta entrega e confiança, não haja, do outro lado, um profissional consciente e, por consequência, de grande força moral. Se não nos conscientizarmos disso, seremos traidores dessa confiança. E traindo essa confiança, nos igualamos ao policial corrupto, ao juiz sectário, ou àqueles políticos que só merecem o nosso desprezo. Meu desafio: a cada conduta tomada, vocês se perguntem – e se fosse o meu pai ou meu filho?

- Nunca é demais lembrar: não temos a obrigação de acertar ou de solucionar tudo. Nossa obrigação com nossos pacientes é fazer-lhes o que há de melhor, é proporcionar-lhes o nosso maior empenho. As pessoas precisam ser lembradas disso. Proibam-se de fazer com que as coisas pareçam simples e fáceis, pois isso é muito perigoso. Meu desafio: obriguem-se a demonstrar o seu esforço pelas pessoas. É angustiante a sensação de ser esquecido ou abandonado.

- A profissão médica é uma das que mais sofre um dos males do século: o *BURNOUT*, uma síndrome depressiva, conhecida como “apagão”. No último mês de junho, o *New England Journal of Medicine* fez uma publicação sobre o *burnout*: mais que a metade dos médicos americanos, vista como a melhor medicina e a

de melhores recursos no mundo, já apresenta pelo menos um dos sintomas do *burnout*.

Há que se diminuir esse risco, cuidando da saúde e aliviando a pressão com alguma atividade além da medicina: um hobby, um lazer, um esporte. Lembrem-se: para fazer bem medicina, é preciso estar bem consigo mesmo. Meu desafio: aproveitem suas folgas, curtam seus finais de semana, viajem, aproveitem – e não vendam – as suas férias.

- Parece irônico, mas a convivência com o sofrimento humano não é uma das maiores causas de aflições na profissão médica. Atualmente, esse posto é ocupado, segundo a pesquisa do *NEJM*, pelo sistema como um todo, com as cobranças, problemas com o ambiente de trabalho, a sensação de impotência profissional, as sobrecargas administrativas e a incapacidade de gerar os resultados possíveis. Segundo o CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, há 900.000 brasileiros esperando por uma cirurgia. Mas, para a população, a culpa dessa fila não é resultante da incompetência administrativa, políticas de saúde equivocadas e da chamada “FARTURA”: falta de material, falta de leitos, falta de medicamentos, falta de fios de sutura, falta de produtos de limpeza. Sem falar na falta de vergonha! A culpa, para a sociedade, é do médico. Isso porque a SAÚDE é um dos primeiros assuntos em plataformas eleitorais: ou seja, quanto pior, melhor. Meu desafio: não sirvam aos inescrupulosos.

- Carl Jung, a respeito da nossa profissão, escreveu: “conheça todas as técnicas, mas, quando tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana”. O conhecimento técnico na medicina é importante, mas o humanismo é fundamental. Não importa onde vamos ver nossos pacientes, se num posto de saúde, num ambulatório ou num consultório privado. Não importa qual paciente nos procura, se o mais simples ou o mais destacado. O empenho, o interesse e a solidariedade devem ser os mesmos.

Maimônides, que nos deixou um dos mais belos juramentos médicos e cuja leitura recomendo, em determinado momento ele pede “...faça com que no paciente, eu não veja nada mais do que um companheiro que sofre...”. Meu desafio: que toda pessoa atendida por vocês, pense - valeu a pena!

- Na natureza, a sobrevivência é resultado da adaptação. E nós, da saúde, convivendo diuturnamente com o drama humano, nos adaptamos de uma forma perigosa: perdendo a sensibilidade. Nossa adaptação vem na forma do que eu chamo de “uma casca” - como nas árvores - à medida em que convivemos com a dor, o sofrimento e a morte. Perigo: essa mesma “casca” que nos protege, pode engrossar demais, e nos deixar muito frios, insensíveis. E justamente é a sensibilidade que nos dá a capacidade da percepção, para

enxergarmos o sofrimento e a angústia que podem estar disfarçadas atrás de um sutil sintoma. Não sofre apenas o paciente grave, o acidentado; sofre também aquele que nos parece não ter nada. Meu desafio: mantenham a sensibilidade e apaguem a palavra “nada” do vocabulário médico, para que seus pacientes sejam verdadeiramente ouvidos.

- O conhecimento humano vem num ritmo alucinante, assim como a velocidade da informação. Por ano, são publicados mais de 5 milhões de estudos na área da saúde. Infelizmente, muitas evadas por conflitos de interesse e financeiro. A saúde é um grande negócio para os investidores e os médicos são seus instrumentos. Por isso, sejam céticos, duvidem, estudem e busquem a verdade de forma obstinada. Não caiam no canto dos cisnes: nem toda tecnologia é benéfica; nem toda novidade é tão boa como parece, nem tudo que pode, deve ser feito. Nossos pacientes têm que ser beneficiários e não vítimas das novidades. Meu desafio: lembrar do pêndulo da medicina, onde o que é moda hoje, poderá ser proscrito amanhã.

Como no final de uma pretensa aula, vou recapitular MEUS DESAFIOS: surpreendam de forma positiva os pacientes; demonstrem seu empenho; sejam médicos 24 horas/dia; multipliquem os talentos recebidos; não sejam instrumento aos inescrupulosos; façam valer a

pena cada consulta; não percam a sensibilidade; “nada” não existe em medicina; ouçam seus pacientes; questionem as novidades; sejam agentes de cidadania; e cuidem da sua saúde.

Fica a pergunta: como é que se consegue isso? Simples: tentando ser melhor a cada dia. Consegue-se isso, mantendo-se a meta de todo dia, tentar fazer um pouco a mais pela vida das pessoas. Não há limites para quem busca ser, hoje, melhor que ontem. Não há limites para quem quer fazer a diferença, para quem quer ser o fermento da massa.

Não posso encerrar, sem lhes propor meu ÚLTIMO DESAFIO: perguntem a si próprios, de vez em quando, SOU UM BOM MÉDICO? Essa eu vou ajudá-los a responder: quando teus colegas e até mesmo professores passarem a te procurar; quando fores uma referência em situações graves; quando perceberes que tua presença entusiasma as pessoas e o ambiente de trabalho; quando notares no semblante dos teus pacientes, sinais de esperança e alívio ao te avistarem; quando saíres de casa feliz indo para o teu trabalho; e, acima de tudo, quando te surpreenderes, que ainda ficas emocionado ao ouvir um simples “muito obrigado doutor”, então achaste a resposta: EU, DE FATO, SOU UM BOM MÉDICO!”



Colação de grau: Representante do Sindicato dos Médicos de SC, Dr. Gilberto Digiacomio da Veiga; Parainfo da turma, Prof. Edevard José de Araújo; Reitor da UFSC, Prof. Ubaldo Cesar Balthazar; Representante do Conselho Regional de Medicina, Dra Rachel Duarte Moritz; Coordenadora do Curso de Medicina, Profa. Simone Van De Sande Lee; vice-diretor do CCS, Prof. Fabricio de



A 95ª turma de médicos formados pela UFSC (turma 2012.1), no hall do CCS